

Resumo do artigo

UMA INICIAÇÃO AOS ESTUDOS DE SEMIÓTICA

Para Francisco da Silva Borba, a Semiologia estuda “os princípios gerais, que regem o funcionamento dos sistemas de signos ou códigos e estabelece sua tipologia”. Ferdinand de Saussure foi o pioneiro dessa ciência que, contudo, só viria a se desenvolver a partir de 1940, recebendo na América a denominação de Semiótica. O objetivo da Lingüística é a linguagem, compreendendo-se como tal o sistema de elementos sonoros utilizados pelo homem para comunicar seus sentimentos, seus desejos e suas idéias. Este ensaio se propõe a comprovar que a Semiótica, ao contrário do que muitos julgam, não é uma disciplina difícil, capaz de desanimar aos que por ela pretendam se interessar.

UMA INICIAÇÃO AOS ESTUDOS DE SÊMIÓTICA

J. C. Misseno

Quando Ferdinand de Saussure escreveu que "Pode-se, então, conceber uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social..."¹ ao se referir a uma ciência que se chamaria Semiologia, não estava sendo generoso nem tampouco profeta.

A Semiologia já auxiliava na manipulação do signo verbal a que Saussure recorreu para codificar tal declaração. Faltava-lhe apenas ser "trabalhada" e registrada.

O signo — objeto de estudo da Semiologia para Saussure ou da Semiótica para Charles Peirce — é tão antigo quanto o homem como ser pensante, pois acreditamos que pensar é manipular mentalmente signos mesmo em completa desordem enquanto que refletir é o ato de ordená-los, agora com objetivos mais ou menos definidos.

Mais adiante, Saussure² insinua que a Semiologia iria constituir uma parte da Psicologia Social e, conseqüentemente, pertenceria à Psicologia Geral. E acrescenta: "Cabe ao psicólogo determinar o lugar exato da Semiologia".

É o que se lê no **Curso de Lingüística Geral** cuja 1ª edição data de 1916, na França. O fato mais importante em tudo isso, é que estava sendo dado o primeiro grande passo em favor de uma formulação teórica da Semiologia em tempos modernos. Na Antigüidade, especialmente na China, Índia, Grécia e em Roma, já se refletia sobre os signos, porém essa reflexão foi objeto de muita controvérsia durante algum tempo, confundindo-se com reflexão sobre a linguagem. Também na Idade Média já se formulavam idéias sobre a linguagem dotadas de características semiológicas.

A verdade é que foi Saussure o primeiro a acenar com os primeiros estudos modernos dessa ciência que só viria a se desenvolver, de

forma mais acentuada, a partir de 1940 com Buysens seguido por Roland Barthes,³ Greimas e outros.

Na América, a Semiologia recebeu o nome de Semiótica que lhe foi atribuído por Locke, vinculando-a à Lógica, às matemáticas e à Filosofia.

Permaneceu a Semiótica sendo objeto de acurados estudos e tendo como campo de atuação o estudo dos fatos significativos, segundo Barthes, o que demonstra a abrangência dessa ciência.

Com Charles Peirce, considerado o "Pai da Semiótica", torna-se ciência autônoma. Peirce foi um filósofo norte-americano (1839 – 1914). Seus estudos semióticos só bem depois de sua morte foram reconhecidos. São palavras dele:⁴ "Nunca me foi dado estudar o que quer que fosse – Matemática, Moral, Metafísica, Gravitação, Termodinâmica, Óptica, Química, Anatomia Comparada, Astronomia, Psicologia, Fonetica, Economia, História das ciências, homens e mulheres, vinho, metrologia – a não ser como estudo de semiótica."

Afinal de contas, o que é Semiologia ?

Para Francisco da Silva Borba,⁵ cuja definição adotamos, Semiologia é: "O sistema que estuda os princípios gerais que regem o funcionamento dos sistemas de signos ou códigos e estabelece sua tipologia."

Nestas alturas, o leitor já se está perguntando: "E o que é signo ? " São muitas as definições de signo. A grosso modo, podemos dizer que ele é o elemento básico de toda a ciência da linguagem verbal ou não-verbal. Ou ainda: signo é tudo aquilo que representa algo por estar em lugar desse algo. É tudo aquilo que é sensível, que pode ser percebido por qualquer dos nossos sentidos (Vista, Ouvido, Olfato, Paladar, Tato) em conjunto ou separadamente. Também o que já temos em mente pode ser chamado de signo desde que nos remeta a algo que esteja ausente ou mesmo presente. Exemplificando: se vemos a palavra "casa" numa frase assim: "A casa em que moro tem um grande quintal", mesmo sem pronunciá-la, apenas vendo-a, somos levados a pensar em um imóvel chamado casa. Isso demonstra que essa palavra é um signo, pois está substituindo o imóvel em si, apresenta-se em seu lugar. É um signo verbal e percebido só pela visão.

Por outro lado, se alguém ler, em voz alta, essa mesma palavra nessa mesma frase, perceberemos o signo através da audição, ou seja, auditivamente e, mais uma vez, continuamos ou devemos continuar sabendo que ela não é a casa em si. É apenas seu representante.

Outro exemplo: se colocarmos algo na boca, que seja salgado, mas que não seja sal por lhe faltar alguma propriedade, o sabor nos levará a

pensar em sal e não em açúcar. Teremos aí um signo não-verbal e percebido pelo paladar. E mais: se fecharmos os olhos e alguém colocar em nossas mãos algo com forma de uma lâmpada, por exemplo, seremos remetidos, através de um signo percebido pelo tato, a pensar em lâmpada. O cheiro característico de pão nos leva a pensar em padaria, é claro.

No primeiro caso, repetimos, teríamos o signo verbal “casa” escrito e oral respectivamente. E, nos casos seguintes, teríamos os signos não-verbais que podem ser arrolados entre tantos outros também não-verbais, tais como: um olhar, um gesto, uma cor, uma luz, uma fotografia, um desenho, uma estátua, uma placa de trânsito etc.

Fica claro que a característica básica de um signo é representar algo mais, algo que vai além do signo em si mesmo. O signo deve, para ser signo, remeter o observador ao que se chama referente. Retomemos o primeiro exemplo: a palavra casa não é a casa em si. É apenas um signo verbal que está representando seu referente que é o imóvel. Então a palavra “casa” no sentido de moradia, escrita ou falada em português, levará todas as pessoas que conheçam esse idioma a pensar em um imóvel.

Vale lembrar aqui, que nada justifica chamar-se esse imóvel de “casa” daí dizer-se que o signo é arbitrário.

São palavras de Santo Agostinho:⁶ “O signo é uma coisa que além da espécie ingerida pelo sentido, faz vir, dela mesma, ao pensamento, qualquer outra coisa.”

Estamos, assim, teorizando o signo no seu mais amplo sentido. E, se assim continuarmos, iremos ultrapassar o limite de páginas estabelecido para este ensaio. Isso nos obriga a buscar o essencial, ou seja, a tratar o signo como entidade que: a) é sensível; b) além de se representar deve representar algo mais ou estar no lugar desse algo; c) está sempre em lugar de...; d) é institucional porque é aprendido e existe para um grupo delimitado de pessoas ou mesmo para um só indivíduo (Ex: um papel amassado que colocamos no bolso para nos lembrar de determinado compromisso em determinada situação).

Para Adam Schaff, citado por Maser,⁷ os signos podem ser: a) Naturais — os chamados indícios, indicadores ou sintomas quando independem de atividades finalistas (orientadas para um objetivo) próprias dos seres humanos... Schaff exemplifica citando as rugas como sinal de envelhecimento; o resfriamento da água como sinal de queda da temperatura ambiente.

Note-se que, para alguns estudiosos, essa classificação “natural” para o signo é um tanto imprópria, pois para eles, só uma comunidade pode institucionalizar a ruga como sinal de envelhecimento, o que torna o signo “ruga” além de “natural” institucionalizado,⁸ ou seja, artificial tam-

bém; b) Artificiais ou propriamente ditos — os que podem ser dados como “reconhecidos produtos sociais do homem, chamados a servir como signos em objetivos vitais, ou seja, signos reconhecidamente produzidos pelos homens, para fins mútuos de entendimento, para fins de comunicação. Schaff cita, como exemplo, a faixa preta, na bandeira, para indicar luto; o sinal luminoso vermelho, que pára o trânsito, dentre outros.

O que é signo para o “Pai da Semiótica”

Em flagrante contradição, as maiores dificuldades surgem nos estudos semióticos para os iniciantes, exatamente no momento em que recorremos a Charles Peirce.⁸ Também não é para menos. Vejamos como Peirce define signo, citado por Maser:⁹ “Signo é tudo aquilo que pode ser considerado como signo e apenas aquilo que for considerado como signo. Qualquer coisa pode, em tese, ser considerada como signo. O que se declara ser um signo não é mais um objeto, mas associação (a algo — que pode ser objeto); meta-objeto, por assim dizer. A associação, determinada por meio de algo declarado como signo, é triádica: algo é associado, na condição de “meio” a um “objeto” para um “interpretante”. Fala-se, pois, em relação triádica dos signos.”

Não foi sem razão, que acusaram Peirce de escrever confusamente, sem contudo, negarem-lhe a autoria dos mais importantes estudos semióticos que a humanidade conheceu.

A nosso ver, essas dificuldades são atenuadas quando comparamos as definições de signo de Peirce com o que disseram outros estudiosos do assunto. Não obstante, pouco ou quase nada acrescentarem de novo. Apenas tiveram o mérito de ser mais claros.

Tudo nos faz crer que Peirce quis dizer o seguinte: quando percebemos um signo ele é apenas um **meio**, um elemento que nos remete a **algo** sobre o qual já temos ou deveríamos ter um conceito, um **interpretante**.

Para muitos, trata-se da “Operação do signo”, ou seja, o signo ao ser percebido por alguém, desencadeia uma operação, uma relação envolvendo três elementos básicos: **ele em si** — a parte material sensível; **o referente**, ou seja, o que ele está representando, substituindo; **o interpretante**, isto é, o conceito que já se tem ou que se deve ter sobre o que está sendo substituído, representado.

Exemplificando: a palavra “Brasil” na frase “O Brasil é um país tropical” é um signo porque representa, substitui o Brasil para efeito de comunicação e o faz numa relação triádica: a palavra “Brasil” **em si**; **o referente** que é o Brasil real, o país; e **o interpretante** que é o conceito que se tem ou que se deve ter do Brasil.

Trata-se de uma operação simples, mas de fundamental importância, pois todo signo verbal ou não-verbal, ao ser percebido, desencadeia essa relação.

Daqui para a frente tudo ficará mais fácil, mesmo porque não pretendemos nos referir às 66 classes de signos obtidas por Peirce através de possíveis combinações e reduzidas por ele mesmo a 10 classes fundamentais.

Contentamo-nos com uma referência ao signo com respeito ao âmbito do objeto (referente), que Peirce estabeleceu. Para ele, nesta parte, o signo se classifica em: a) icônico — aquele que mantém certos traços característicos de seu objeto (referente). Ex.: Diagrama individual, fotografia, estátuas, etc; b) indicador — o signo que mantém relações reais com o seu objetivo (referente). O “trailer” de um filme, por exemplo; c) Símbolo — o signo que interpreta seu objeto (referente) sem manter com ele relação de dependência ou de concordância. Exigindo, porém, que os membros de uma comunidade o institucionalizem por convenção. Ex.: A cruz e a suástica como símbolos do Cristianismo e Nazismo, respectivamente.

Com estas considerações, julgamos ter ficado claro o que é signo como objeto de estudos semióticos ou semiológicos. Assim, julgamos chegado o momento de definirmos Semiologia ou Semiótica como sendo a “Ciência dos signos” verbais ou não-verbais. A Ciência que estuda todos os sistemas significativos com ou sem propósitos comunicacionais. É uma Ciência tão geral quanto profunda se é que assim o podemos dizer. Ela estuda o signo, único instrumento de registro e transmissão do saber humano de geração para geração.

Semiologia e um lugar para a Lingüística

Voltemos a Saussure¹⁰ para lembrar que, em 1916, com seu “Curso de Lingüística Geral”, já citado, além de conceber a existência da Semiologia, acrescentava que a partir daí a Lingüística não seria senão uma parte dessa Ciência, com o que não concordou Roland Barthes, como veremos mais adiante.

Para fins comparativos, eis a tarefa da Lingüística, segundo o próprio Saussure:¹¹

a) fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger, o que quer dizer: fazer a história das famílias de línguas e reconstituir, na medida do possível, as línguas-mães de cada família;

b) procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história;

c) delimitar-se e definir-se a si própria.”

Ora, um dos objetivos do presente ensaio é desvendar um mistério que muitos julgam haver nos estudos semióticos, sem nenhuma justificação plausível. Consideram-na como uma disciplina muito difícil e desanimam na primeira oportunidade. Para evitarmos isso, julgamos necessário que se demonstre, com dados, qual é o verdadeiro campo de atuação da Semiótica e pelo que se viu acima sobre a área abrangida pelos estudos lingüísticos, percebe-se que a Semiologia é mais ampla, mais geral, mais abrangente.

Mesmo alargando-se mais o campo de estudo da Lingüística, agora como ciência, veremos que permanecerá restrita em comparação com a vasta área abrangida pela Semiótica.

Assim, vejamos o que cabe à Lingüística como ciência, segundo Francisco da Silva Borba,¹² já citado:

- a) Descrição completa de línguas das mais variadas estruturas;
- b) Comparação de estudo de línguas no espaço (lingüística contrastiva) e no tempo (lingüística histórica);
- c) Aplicação de resultados teóricos no aperfeiçoamento do ensino de línguas (lingüística aplicada);
- d) Como toda ciência, tem sempre uma orientação crítica — preocupa-se não só com sua própria história para aquilatar o que já se fez de bom e quais os caminhos a serem evitados, como também submete seus métodos a rigoroso exame para verificar se continuam adequados.

Em suma: o objeto da Lingüística é a linguagem, compreendendo-se como tal o sistema de elementos sonoros utilizados pelo homem para comunicar seus sentimentos, seus desejos e suas idéias.

Nem encarada como ciência a Lingüística vai além dos estudos do signo lingüístico, signo este ainda básico para o ato comunicativo humano. Resultado, aliás, da “Lei do menor esforço”. Também como resultado da mesma “Lei”, até nossos dias, a Semiologia como “Ciência dos signos” vem-se restringindo a estudos mais avançados somente relacionados com o signo verbal, daí a impressão que se tem de que a Semiologia deve pertencer à Lingüística, condição esta absurda, mas defendida por Roland Barthes, por exemplo. Chegamos a achar que tal subordinação equivaleria a pretendermos subordinar o arquipélago à ilha ou coisa assim.

Contudo, o próprio Barthes, em seu “Elementos de Semiologia”, fornece-nos argumentos com os quais conseguimos contestá-lo.

Vejamos o que ele escrevia em 1971, ao tentar demonstrar o campo de atuação da Semiologia:¹³ “Faz dez anos que a Semiologia (francesa) se movimenta consideravelmente: forçada a deslocar-se, a arriscar bastante em cada encontro, manteve ela um diálogo constante e transfor-

mador com: o estruturalismo etnológico (Lévi-Strauss), a análise das formas literárias (os formalistas russos, Propp), a psicanálise (Lacan), a Filosofia (Derrida), o marxismo (Althusser), a teoria do Texto (Sollers, Julia Kristeva). É toda essa fulguração ardente, freqüente por vezes polêmica, arriscada, que se deve ler retrospectivamente na história da Semiologia: sendo precisamente a linguagem que questiona continuamente a linguagem, ela honra, por natureza, as duas tarefas que Brecht assinalava ao intelectual neste período da História: liquidar (as antigas ideologias) e teorizar (o novo saber, o novo agente, a nova relação social). Isto é, qualquer que seja a exigência científica de que se deva investir a pesquisa semiológica, essa pesquisa tem imediatamente, no mundo tal como é, uma responsabilidade humana, histórica, filosófica, política..."

Estranhamos o fato de Barthes afirmar tudo isso sobre Semiologia e ser favorável à sua subordinação à Lingüística. Mais estranho ainda fica, quando lemos em Barthes¹⁴ que o objeto da Semiologia é "qualquer sistema de signos, seja qual for sua substância, sejam quais forem seus limites: imagens, os gestos, os sons melódicos, os objetos e os complexos dessas substâncias que se encontram nos ritos, protocolos ou espetáculos, se não constituem "linguagens", são, pelo menos sistemas de significação."

Diante de tudo isso não tem sentido pensar-se em reduzir a Semiologia a uma simples fração da Lingüística. O contrário sim, pois a nosso ver, a Lingüística é a parte da Semiologia que se ocupa do estudo do signo verbal sob os aspectos já assinalados no presente ensaio.

Ora transcrevendo citações de estudiosos da disciplina, ora registrando o que concluímos após algum tempo de estudo baseado em observação, comparação e experimentação, julgamos ter tornado mais fácil o acesso a estudos mais avançados no terreno da Semiologia ou Semiótica. Principalmente para aqueles que se estão iniciando nesta nova Ciência, nova em termos de conceituação, recomendamos se inclinarem para a linguagem não-verbal. Saíamos da bitola. Derrubemos a ditadura do discurso verbal, "O monopólio da fala". E é a Semiótica quem nos aponta como manipular todos os sistemas significativos em favor da expressão e comunicação humanas.

BIBLIOGRAFIA

1. Saussure, Ferdinand de, **Curso de Lingüística Geral**. Cultrix Editora. S. Paulo, 1977.
2. Ver item 1.
3. Barthes, Roland. **Elementos de Semiologia**. Cultrix Editora. S. Paulo, 1974.
4. Peirce, Charles Sanders. **Semiótica**. Editora Perspectiva. S. Paulo. 1977.

5. Borba, Francisco da Silva. **Introdução aos Estudos Lingüísticos**. Companhia Editora Nacional. S. Paulo. 1977.
6. Maser, Siegfried. **Fundamentos de Teoria Geral da Comunicação**. Editora da Universidade de S. Paulo. S. Paulo, 1975.
7. Ver item 6.
8. Ver item 4.
9. Ver item 6.
10. Ver item 1.
11. Ver item 1.
12. Ver item 5.
13. Ver item 3.
14. Ver item 3.